

O integralismo no Paraná e o jornal “A Razão”, 1935: um exercício de análise do discurso

Luciana Agostinho Pereira*
Rafael Athaides**

Resumo: este artigo tem o objetivo de apresentar um exercício de análise do discurso tomando por base um excerto do periódico *A Razão*, pertencente à Ação Integralista Brasileira, que circulou no Estado do Paraná no ano de 1935. Para tanto, após uma breve introdução a cerca da história do Integralismo, nos debruçaremos sobre as possíveis conexões do texto selecionado com o contexto (de sua produção) e nacional, e com as raízes ideológicas do movimento. Com isso, objetiva-se introduzir o leitor às aplicações da Análise do Discurso para o exame de fontes históricas.

Palavras-chave: Integralismo, Estado do Paraná, análise do discurso.

Abstract: This article aims to present an exercise in discourse analysis using an excerpt from the integralist journal *A Razão*, which circulated in Paraná State in 1935. So, after a brief introduction about the history of the Ação Integralista Brasileira, we will lean on the possible connections of the selected text to the context (of production) and national level and with the ideological roots of the movement. Thus, we aimed to introduce the reader to the applications of discourse analysis for the examination of historical sources.

Keywords: Integralism, Paraná State, discourse analysis.

* Graduada em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Coxim.

** Mestre em História pela Universidade Estadual de Maringá, doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná, docente do curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

A Ação Integralista Brasileira foi um movimento político fascista, fundado no Brasil, em 7 de outubro de 1932, pelo jornalista e literato Plínio Salgado. O movimento se converteu em partido político, disputou pleitos eleitorais por todo o Brasil e teve seu fim em novembro de 1937, após a implantação do Estado Novo pelo presidente Getúlio Vargas¹.

Os caracteres mais visíveis do INTEGRALISMO – os desfiles, os uniformes, as milícias, o uso do sigma (Σ) como símbolo etc. – manifestam as similitudes do movimento brasileiro com outros fascismos, cujos exemplos mais proeminentes são o fascismo italiano e o nazismo. Na verdade, esses dois últimos serviram de inspiração para o Integralismo e é correto inseri-los numa mesma família de movimentos políticos: os fascismos.

As trágicas consequências advindas da Primeira Guerra Mundial resultaram numa forte crise econômica, política e social que afetou os países envolvidos, sobretudo os de economia fragilizada, como eram os casos de Itália e Alemanha. A quebra da bolsa de valores de Nova Iorque, em 1929, representou o corolário das crises do capitalismo até então e contribuiu para varrer as bases de uma série de credos políticos e econômicos mundiais, os quais já vinham sendo questionados desde fins do século XIX².

Em meio ao caos em que se encontrava não só a Europa, mas também o mundo nos anos 1930, devido à falta de emprego, a alta da inflação e a instabilidade político-social, vários pensadores buscaram soluções para os problemas da época atacando fortemente os princípios do liberalismo.

¹No pós-guerra o PRP (Partido de Representação Popular), sob a liderança de Plínio Salgado, tornou-se o herdeiro político da AIB. Ver CALIL, 2010.

²O historiador Zeev Sternhell aponta que, desde fins do século XIX, movimentos contestatórios à ordem político-ideológica oriunda da Ilustração manifestaram-se na Europa e tiveram na Primeira Guerra e em seus desdobramentos o seu ponto máximo. STERNHELL, 1994.

O que acontecia, portanto, é que a guerra e a desordem econômica e social que se seguiram a ela produziram uma grande busca de novas ideias e novas políticas para sanar os problemas das sociedades envolvidas. A resposta da esquerda foi o socialismo e o comunismo. A da direita – numa oposição clara à esquerda – foi o fascismo. (BERTONHA, 2004, p. 9).

As ideias fascistas surgiram como uma resposta radical aos problemas enfrentados pelas sociedades naquele momento, como observa Bertonha. Contudo, muitos elementos do ideário fascista já estavam no mundo onde eles surgiram, como o nacionalismo, o desejo de um governo forte e de um líder carismático que cuidasse de todos como um pai.

Mais especificamente, os fascismos não só beberam em fontes gerais do pensamento mundial do entreguerras, mas suas diferentes manifestações nacionais foram profundamente inspiradas nas tradições, na história e na cultura dos respectivos países onde os fascismos apareceram.

O Brasil passou por profundas mudanças na década de 1920: a industrialização e a urbanização trouxeram para o cenário político a luta do operariado por melhores condições de vida. Essas tensões e crises marcaram a última década de agonia da Primeira República (1889-1930). Segundo Helgio Trindade (1979), foi um período de significativas transformações socioeconômicas, de contestação ao sistema político estabelecido e de mudanças no campo ideológico. Essas últimas contemplam a **renovação espiritual**, encabeçada pelo catolicismo do Centro D. Vital³, a **efervescência nacionalista**, que teve em Euclides da Cunha e Monteiro Lobato suas primeiras expressões, e a **revolução estética**.

³O Centro Dom Vital era uma associação de intelectuais católicos, subordinada à Igreja, fundada no Rio de Janeiro, por Jackson de Figueiredo, em maio de 1922. Tendo em vista o processo de laicização da intelectualidade brasileira no século XIX, o objetivo do Centro era atrair para a Igreja as mentes pensantes do país.

Preocupados com as condições do país, muitos intelectuais brasileiros viram a necessidade de renovar a arte e, por meio dela, a sociedade e a política. A Semana de Arte Moderna, em 1922, significou a introdução do futurismo italiano⁴, do expressionismo alemão e de outras correntes de vanguarda artística e literária europeias. Contudo, os mentores da Semana recusavam as essências do “velho mundo” contidas nessas correntes; a ideia era se utilizar delas para a criação de um pensamento nacional autônomo (BERTONHA, 2004, p. 60).

Assim, embebido em elementos desse contexto nacional, mesclado com a ideia fascista em voga na Europa, o escritor Plínio Salgado, ativo participante da Semana de Arte Moderna, construiu ao longo das décadas de 1920 e 1930 o ideário que se materializou no *Manifesto de Outubro*, de 1932, texto de lançamento e programa ideológico da Ação Integralista Brasileira.

Por muito tempo, “ser ou não ser fascista” era a questão que incomodava profundamente os cientistas sociais que se debruçaram sobre a AIB e ricas “batalhas historiográficas” se travaram nesse sentido. Esses debates a respeito das origens ideológicas do INTEGRALISMO e, em última instância, de sua *natureza*, não tiveram a disciplina histórica como palco, mas sim a sociologia, a ciência política e a filosofia.⁵

⁴O Futurismo foi uma corrente formada por jovens intelectuais e estetas antiburgueses, seguidores de Filippo Tomaso Marinetti (1876-1944), um dos artifices da ideologia do fascismo italiano. Os futuristas repudiavam o legado cultural do passado, ao mesmo tempo em que se fascinavam com industrialização e com a modernidade do século XX; também acreditavam ser a guerra um momento de renovação da espécie humana e a ditadura o regime político ideal.

⁵Os estudos do poder e da política permaneceram em descrédito por um longo período do século XX, sobretudo em locais onde a influência da “Escola dos Annales” francesa foi marcante. Não obstante, muito do que se produziu em História no Brasil

Podemos acompanhar um panorama desse debate através de um artigo do cientista político Hélgio Trindade (2004), já considerado clássico para os estudiosos do tema. O autor faz uma análise crítica da historiografia do Integralismo a partir das obras de Gilberto Felisberto Vasconcelos, *"A ideologia Curupira: análise do discurso integralista"* (1979), e de José Chasin, *"O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade do capitalismo hipertardio"* (1978), duas teses de doutoramento defendidas em 1977. Trindade também revê sua própria produção, o pioneiro livro *"Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30"* (1979), tese de doutorado defendida na Universidade de Paris, em 1971.

Vasconcelos descreve o Integralismo como **mimetismo ideológico** do fascismo original; uma verdadeira cópia adaptada em virtude "do contexto de dependência, no qual se moviam os camisas-verdes" e que "acabou por afetar (independentemente de sua consciência) a apropriação dos fascismos europeus" (1979, p. 17). Vasconcelos escrevia tendo por base a "teoria da dependência", em voga na década de 1970 e sustentada por intelectuais como Fernando Henrique Cardoso.

José Chasin, escrevendo a partir de uma matriz marxista, negou a relação fenomenológica entre o fascismo e o Integralismo ao afirmar que entre eles existiu apenas uma semelhança. Para o autor, o Brasil não era portador das condições político-econômicas e sociais para o surgimento daquele tipo de movimento, característico de economias capitalistas "tardias": o capitalismo brasileiro, em sua opinião, era "hiper-tardio".

naquele século foi algum tipo de história política, geralmente de cunho "positivista". A renovação da historiografia brasileira nas décadas de 1970 e 1980 embebeu-se nas tendências marxistas e annalistas, portanto, na prática da história social, história econômica e mais tarde a história das mentalidades e história cultural. Por questões de ordem político-ideológicas, os estudos sobre a direita nas academias brasileiras também se mostravam pouco ou nada interessantes aos historiadores e demais cientistas das humanidades, sobretudo aos adeptos do materialismo histórico.

Na perspectiva de Trindade, o Integralismo foi o “fascismo brasileiro” (1979), ou seja, um movimento derivado de um tronco comum de fenômenos políticos do entreguerras:

[...] o integralismo mais do que uma ideologia, foi um movimento político e [...] seu caráter fascista provinha não apenas de semelhanças entre sua temática e a dos fascismos europeus, mas sobretudo, pela sua forma de organização, base social de recrutamento, motivação de adesão de seus militantes e sentimentos de solidariedade com o fascismo internacional (TRINDADE, 2004, p. 316).

Nossa opção teórica se coaduna com a de Trindade. Assim como o reconhecem alguns dos maiores estudiosos atuais do “fascismo genérico”⁶, pensamos ser o Integralismo uma de suas variantes. A consciência dessa natureza no próprio movimento, longe de ser exclusividade dos líderes, se disseminava pela organização e alguns desses aspectos poderão ser agora visualizados em um jornal regional da AIB.

Tentaremos a partir de agora analisar um discurso específico do periódico *A Razão*, elaborado pelos integralistas paranaenses em maio de 1935. Nosso intuito é demonstrar como se articulam, em um texto relativamente pequeno, diferentes discursos e contextos. Nos propomos a tecer essa análise tomando de empréstimo alguns preceitos da Análise do Discurso e elegendo como base as discussões que giram em torno da relação do discurso com o conceito de *ideologia*.

A ideologia conceitua-se aqui como a *interpretação particular das condições reais*, na medida em que entendemos, com Fiorin, que grupos e classes sociais engendram representações sobre uma dada ordem do mundo (2000, p. 32), naturalizando as relações e as ações dos indivíduos. Não se trata de dizer que as formações ideológicas e, por conseguinte, suas formações discursivas “ocultam” o real. A encenação discursiva (ideologizada por natureza), “não é uma máscara do ‘real’, mas uma de suas formas, estando este real investido pelo discurso” (MANGUENEAU, 1989, p. 34).

⁶Ver, por exemplo, PAXTON (2007) e GRIFFIN (2008).

A fonte aqui escolhida apresenta inúmeros elementos de um determinado ordenamento do mundo, engendrados no interior de outros discursos que, por sua vez, se fundam sob outros discursos. A *dêixis* discursiva, captada no texto, remete-nos sempre a uma *dêixis* fundadora (MANGUENEAU, 1989, p. 34), questão claramente visualizada nos próprios estudos históricos e sociológicos do fenômeno maior onde se insere o locutor.

Os estudos sobre as ideologias fascistas, em geral, chegaram à conclusão de que elas são amalgamas de discursos e práticas existentes há certo tempo na sociedade europeia. No caso do Integralismo isso é ainda mais interessante, pois se trata de um fascismo extra-europeu. Como vimos, uma série de trabalhos da década de 1970 buscou entender as raízes profundas desse "fascismo caboclo". Tentavam entender, ao mesmo tempo, qual *discurso fundador* era mais influente nos múltiplos discursos integralistas.⁷ Os títulos desses textos eram mais que sugestivos; os citaremos novamente: *Integralismo: o Fascismo brasileiro na década de 30; A Ideologia Curupira: Análise do Discurso Integralista; O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade do capitalismo hiper-tardio*.

Em geral, as discussões giravam em torno do *caráter* ou da *natureza* da A.I.B. Em outras palavras, o que importa mais? Sua inspiração no fascismo europeu, ou suas raízes nacionais? Ou ainda as duas coisas?

Essa multiplicidade interpretativa do fenômeno político geral (fascismo) e específico (integralismo) nos remete a questionar acerca da multiplicidade discursiva no interior do próprio integralismo.

⁷A diferenciação ideológica mais conhecida e que nos permite, inicialmente, falar de "integralismos", se dá em virtude das diferentes concepções de mundo dos seus chefes doutrinários: Plínio Salgado, Gustavo Barroso, Miguel Reale e Olbiano de Mello; também podemos falar em "integralismos", no plural, se pensarmos a ideologia geral do movimento sob outros dois aspectos: (1) como evolutiva, não estática, ao longo do tempo e (2) não restrita à ideologia dos líderes, ou seja, que deságua nas bases partidárias passando por reelaborações. Ver TRINDADE, 1979.

Sendo um movimento de massas que congregou algo em torno de meio milhão de adeptos em todo o Brasil ao longo da década de 1930, se faz mister atentar para as disparidades *regionais, temporais* e a *enunciativas* dos discursos produzidos pela AIB.

Além disso, o estudo de uma organização como a A.I.B. requer a quebra de toda visão monolítica da ideologia, pois não se trata de analisar o discurso ideológico em si, mas também seu funcionamento e relação à práxis partidária. Nesse ponto, a Análise do Discurso vem ao encontro dos anseios do pesquisador interessado numa história da A.I.B. menos voltada para a pura *história das ideias*. Assim, concordamos com Trindade, quando afirma que

parece indispensável conceber diferenciações sob a forma de uma concepção piramidal da ideologia em cujo topo estivesse a expressão mais elaborada da ideologia, segundo as interpretações de um teórico ou de diferentes teóricos, passando por outras camadas, tais como a ideologia dos dirigentes políticos, a ideologia da imprensa partidária, a ideologia dos militantes de base e, finalmente, a ideologia dos eleitores ou simpatizantes do movimento (2007, p. 381).

Uma análise pormenorizada de textos específicos pode ser tão reveladora para compreender as raízes do fenômeno quanto às macroanálises de diretivas centrais do partido. É sob esse prisma que se apresenta esse texto. Buscamos focar a análise em traços aparentes e também “nebulosos” da interdiscursividade, articulando o texto do documento com a historiografia e a documentação doutrinária do movimento integralista. As múltiplas referências nos pareceram significativas para entendermos os contextos de produção da fonte e mostram que a circularidade de textos e ideias dentro da A.I.B. era intensa.

O excerto selecionado especificamente para esta análise encontra-se na capa do primeiro número do jornal *A Razão*, publicado em Curitiba, no dia 01 de maio de 1935. O fato de ser o texto inaugural do periódico nos chamou a atenção pela representatividade simbólica.

O que, pra quem, sob quais condições/autoridade, em que "cena" os integralistas (quais integralistas?) do Paraná falaram quando tiveram pela primeira vez um jornal de considerável circulação?

Longe de esgotar as possibilidades de análise desse pequeno texto, cremos poder apontar alguns caminhos para "entrar na cabeça" da instituição e dos homens instituídos que a fizeram atuar na década de 1930. Segue abaixo a transcrição:

A Razão

Orgão de Doutrina e Propaganda da A.I.B.

(PROVÍNCIA DO PARANÁ)

Direção de JORGE LACERDA Gerência de FREDERICO
CARLOS ALLENDE

ANNO I

CURITIBA, 1 de Maio de 1935

NUMERO I

Operário humilde e patriota, construtor anonymo da Nação!
Hoje, no teu grande dia, dedicamos a tí esta folha

— Lê com attenção; ella te pertence! —

A GRANDE MARCHA⁸

Lançamos hoje o primeiro número da "A Razão".

Adoptamos este nome, como homenagem ao primeiro orgão doutrinário do Chefe Nacional, publicado em São Paulo, "A Razão", que foi a grande tribuna de onde elle gritou a 40 milhões de brasileiros: "Despertemos a Nação!".

Esta folha sae excepcionalmente hoje, quarta-feira, 1. De Maio, porque a queremos dedicar ao humilde e pobre operario, que soffre e trabalha pela grandeza da Patria, na resignação eterna de seus sacrificios e de suas dôres.

⁸Texto inaugural do periódico da Ação Integralista Brasileira, seção provincial do Paraná, Curitiba, 01 de maio de 1935. (Acervo Benno Mentz, Instituto Latino-americano de Estudos Avançados, ILEA, Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Suporte: fotografia digital.

Nem podia ser de outra forma, porque o integralismo nasceu das exigências imperativas das classes desfavorecidas.

Porque o integralismo é a sintonização profunda e verdadeira de todos os anseios e de todos os sofrimentos de uma Patria revoltada!

“A Razão” surgiu para uma ofensiva e para uma Grande Marcha...
Ofensiva contra uma civilização burguesa, materialista, decadente, e contra todas as forças desagregadoras da nação!

Uma Grande Marcha para um novo typo de Civilização para a Quarta Humanidade Prophetizada por Plínio Salgado!

E esta Marcha, que é Marcha irresistível do Brasil, há de acordar a Civilização, que dorme no seio maravilhoso da Atlantida lendaria!

E no Continente Sul Americano, há de despontar o esplendor eterno da Civilização Atlantida!

Galvanizados pela fé, hão de erguer com os olhos fitos numa só idéia, os Estados Integralistas Sul Americanos!

Bolívar, que não pode effectivar o seu sonho, como imperio de sua espada, há de se surpreender um dia, vendo Plinio Salgado, realizando-o somente com a força de sua fé e de sua palavra! Esta Grande Marcha traz consigo o impulso de 400 anos de sacrificios, de anseios, de inquietudes e de luctas mallogradas...

O Brasil temperou-se na dôr e nas revoltas intimas e creou uma consciencia propria.

E elle poz em marcha os seus filhos...

Não há leis, que possam paralizar a marcha consciente de uma Nação!

Abafaram porém, o rumor de seus tambores, de suas milicias e de seus clarins!

Mas que são esses rumores, já abafados, deante dos rumores revoltados da propria consciencia nacional, que não se abafam nem com leis, nem com decretos?

Nesta hora incerta, em que nos ares sulcam relampagos ameaçadores, si os homens não olharem com mais amor para o Brasil, para os seus verdadeiros patriotas, deixando no abandono triste, esta grande Nação; as forças demolidoras da anachia vermelha e as forças gananciosas do Capitalismo Internacional, hão de destruir a nossa Patria, transformando-a em escombros!

Mas, como já dissemos um dia, mesmo debaixo destes escombros, nunca deixará de palpitar de amor pelo Brasil, o coração de uma CAMISA-VERDE!

Partiremos de uma análise que mescla a desconstrução do texto e seu conteúdo para no final tentarmos expressar um balanço desta enunciação.

Em primeiro lugar, cabe assinalar que o texto não traz uma assinatura em seu rodapé. Embora o diretor do periódico, figura que recorrentemente escreve os textos iniciais, nos seja conhecido⁹, o texto carrega apenas o manto da instituição, na medida em que se faz porta voz dela, sem se preocupar em estabelecer-lhe um rosto.

O corpo do texto foi dividido em quatro partes, o que imediatamente nos sugere a existência de quebras temáticas, cuja simbologia será explicitada mais adiante. Adiantamos que para além da simples divisão, as quebras temáticas indicam uma visualização panorâmica da *dêixis* discursiva, somente observável se formos para além do conteúdo em si.

O enunciador se preocupou em definir um enunciatário, mesmo antes do título, talvez, mesmo antes da escrita do jornal, ao eleger o primeiro de maio como data para o lançamento do periódico no Paraná. Para além do discurso dirigido ao operariado (eixo comum

⁹ Jorge Lacerda teve uma das trajetórias mais interessantes entre os integralistas do Paraná. Líder estudantil na Universidade do Paraná (ingressou no curso de Medicina em 1931), Lacerda participou da Sociedade de Estudos Políticos, fundada por Plínio Salgado no início dos anos 1930, precursora da A.I.B. e posteriormente entrou para o Integralismo como um dos líderes da Província do Paraná. Teve participação na chamada "Intentona Integralista" de 1938 e seguiu carreira no Partido de Representação Popular no pós-guerra. Foi eleito Deputado Federal por Santa Catarina (em dois mandatos) e governador do mesmo Estado, na década de 1950. Sua carreira foi interrompida pelo trágico acidente aéreo ocorrido em São José dos Pinhais, Paraná, em 1958, no qual também faleceu o ex-presidente da República, Nereu Ramos. Sobre a carreira de Lacerda, ver SERTEK, e CALIL, 2010.

entre os discursos fascistas)¹⁰, a preocupação em dedicar um jornal partidário para o público operário, tendo o Paraná como topografia e o ano de 1935, como cronografia, é localmente significativo. Perguntamo-nos: por que o autor não foi mais abrangente e dedicou o jornal, por exemplo, “ao povo do Paraná”? Que tipo de efeito de sentido quis causar?

É patente que o autor pretendia alcançar o ainda incipiente operariado paranaense, em processo de sindicalização nos anos 1930. A greve de 1917 e algumas agitações nos anos 1920, já haviam demonstrado que logo atrás dos centros políticos e econômicos do país, o Paraná, mais especificamente Curitiba, se firmaria como outro polo industrial nacional (FONSECA; GALEB, 1996): “operário humilde e patriota, construtor anonymo da Nação! Hoje, no teu grande dia dedicamos a tí esta folha – Lê com atenção, ella te pertence!”. Nas décadas de 1920 e 1930, surgiram em Curitiba grandes sindicatos, alguns tendentes à esquerda marxista, eleita principal inimiga do Integralismo, fato que se explicita na última parte do texto, como veremos.¹¹

Levando em conta que a *dêixis* articula “as coordenadas espaço temporais implicadas em um ato de enunciação”, e que a *dêixis* discursiva trabalha com os mesmo elementos, mas preocupada com

¹⁰No Integralismo, o futuro Estado Integral aglutinaria os indivíduos em classes produtivas. Essa concepção corporativa (em Olbiano de Mello, Sindicalismo Corporativo-Nacionalista) da sociedade abriria espaço para a participação política apenas para os representantes “das classes que produzem”. O Estado seria, portanto, uma “federação de sindicatos” (Cf. REALE, 1933; MELLO, 1937). O fascismo alemão carregava o operariado no nome do partido: Partido Nacional-socialista dos Trabalhadores [ou Operários] Alemães.

¹¹Para além dos condicionantes locais, os fascismos em geral disputaram com os socialismos a mesma clientela; embora se caracterizem como movimentos de classe média, eles conquistaram também muitos seguidores da classe trabalhadora (PAXTON, 2007).

a *produção de sentido* no ato de enunciação (MAINGUENEAU, 1989, p. 41), demonstraremos agora como a divisão do texto, carrega em seu bojo esses elementos.

Enumeramos de 1 a 4 as partes separadas pelos símbolos "****"; estas podem ser tematicamente designadas da seguinte forma, seguidas das nossas constatações analíticas:

1. Discurso fundador do periódico → destinatário discursivo explícito; topografia; condições de produção¹² em sentido amplo.
2. Militância antitética / escatologia. → destinatário discursivo explícito; condições de produção em sentido amplo.
3. Luta factual / denúncia → cronografia; destinatário implícito; condições de produção em sentido estrito.
4. Apelo final

Um ponto que nos chamou a atenção neste pequeno documento é sua relação com outros discursos: desde discursos fundadores da própria AIB, até falas dos mentores ideológicos do movimento, tomadas a esmo. As referências fazem parte do que podemos chamar de "cosmogonia" do Integralismo; até mesmo referências escatológicas figuram, propondo um *fim de era* para o Brasil e para a América do Sul, discursivamente pré-existente no movimento (e mesmo nos outros fascismos).

Essas referências a outros discursos remetem não apenas a distintos doutrinadores do Integralismo, mas a distintas fases do pensamento deles, sobretudo, do pensamento de Plínio Salgado. Abordaremos agora alguns exemplos.

O título do periódico faz referência ao primeiro jornal de difusão das ideias "do pensamento cristão nacionalista" (SALGADO, apud,

¹²O conceito de condições de produção é de Orlandi (1987).

TRINDADE, 1979, p. 124), ainda antes do Manifesto de Outubro de 1932. O jornal *A Razão*, publicado em São Paulo, expôs as ideias pré-integralistas e, de certa forma, contribuiu para a aglutinação dos adeptos em torno da SEP (Sociedade de Estudos Políticos), precursora da AIB (OLIVEIRA, 2005, p. 1).

O famoso brado entre os integralistas “Despertemos a Nação!” é uma referência tripla: ao livro de Salgado com o mesmo nome (1935); ao Manifesto de Outubro de 1932 e ao próprio jornal paulista *A Razão*.

Muito subjacente, no final da primeira parte do texto, surge a referência ao Brasil como um “pátria revoltada”. É patente que a estratégia discursiva aqui é o fomento da ideia de uma *revolta coletiva* da nação contra “forças desagregadoras”. Contudo, pensamos que essa afirmação está ligada também a uma concepção de nacionalismo que tem raízes nos discursos do fascismo europeu e que explora a ideia de humilhação e ressentimento pátrio. Sobre isso René Remond afirma que o fascismo é a

reação de um nacionalismo ferido, vencido ou inquieto, conforme as circunstâncias, contra a humilhação da derrota ou, entre os vencedores, contra o desperdício da vitória e os governos que lhe dilapidam os resultados, ou ainda contra as ameaças que pesam sobre a segurança ou a integridade nacionais (1999, p. 94).

Embora poucas razões de cunho catastrófico, como uma guerra, existissem no Brasil para o fomento de tal concepção, o nacionalismo *inquieto* aparece no discurso em questão, mas também se reproduz em outros discursos da A.I.B.

A segunda parte do documento apresenta de cara outra característica básica do tronco de movimentos políticos do qual o INTEGRALISMO se inspirou: a eleição e combate das suas antíteses¹³. Figuram aqui a “civilização burguesa, materialista, decadente” e o

¹³Tomando os textos ideológicos da A.I.B., de uma forma geral, os principais inimigos do movimento são o liberalismo, o socialismo, o capitalismo internacional e as sociedades secretas ligadas ao judaísmo e à maçonaria (TRINDADE, 2007, p. 390).

termo vago "forças desagregadoras da nação"; sem dúvida entre essas "forças" estão "as forças demolidoras da anarquia vermelha" (o comunismo), citadas na última parte do texto.¹⁴

Num dos textos clássicos da doutrina integralista, temos a elucidação para o combate à "civilização burguesa", aparentemente incoerente, uma vez que outro dentre os seus maiores inimigos, o comunismo, sustentava essa bandeira como ponta da lança. Na *Cartilha do Integralismo Brasileiro*, obra conjunta de Salgado e Miguel Reale (nº 2 do INTEGRALISMO), os autores mostram que o combate ao capitalismo se dava no nível da luta apenas contra o *capitalismo financeiro internacional*, sendo que os pressupostos do sistema nunca foram colocados em cheque. No futuro *Estado Integral*, postulavam os integralistas, a intenção era que "técnica capitalista [assumisse] uma função eminentemente social" (SALGADO; REALE, apud. TRINDADE, 2007, p. 390).

Deixa de ser incoerente o ataque à "civilização burguesa" se lembramos de que os fascismos surgiram como reação ao materialismo, advindo da Ilustração. Assim, do ponto de vista político, tanto o ataque ao socialismo quanto ao liberalismo burguês são elementos de um combate maior contra a cultura política dominante e suas bases filosóficas (STERNHELL, 1994).

As referências escatológicas iniciam-se no terceiro parágrafo da segunda parte do texto. Três elementos se destacam nesse trecho: "a Quarta Humanidade", "a Civilização Atlântida" e os "Estados Integralistas Sul Americanos". Mesmo para a época, e considerando a vasta clientela da AIB, essas referências poderiam soar estranhas ou, no mínimo, sem maiores entendimentos, pois constam em vários textos doutrinários e de períodos diferentes da evolução da ideologia integralista.

¹⁴ Segundo Paxton (2007), os fascismos se revoltam contra alguns inimigos e a cultura nacional tem participação no estabelecimento de suas identidades. No estudo clássico de Vasconcelos (1979), a busca por autonomia nacional e, portanto, a luta contra o capital estrangeiro são elementos característicos do fascismo tupiniquim.

O *nacionalismo* integralista, presente de forma exaltada no Manifesto de Outubro, carregou em seu bojo ao longo da história da AIB a faceta literária e romântica de Plínio Salgado, mesclada com outras formas mais combativas de nacionalismo (nacionalismo econômico e racista). O lirismo do período pré-integralista de Plínio gerou elucubrações sobre um futuro *mundo latino integral*. A “Quarta Humanidade Prophetizada por Plínio Salgado”¹⁵ faz parte do sonho imperial de Salgado e Barroso que, inspirados em Mussolini, falavam em conquistar (ideologicamente) toda a América Latina para o INTEGRALISMO, de forma a constituir nela a idílica “civilização perdida da Atlântida”.

Na obra *O Quarto Império*, de Gustavo Barroso, podemos ler: o “Integralismo brasileiro constituirá um grande Império, uma grande República Imperial, um grande Império Cristão e sua doutrina integral influenciará os destinos da humanidade” (BARROSO, 1935, p. 175). Salgado, em *QUARTA HUMANIDADE*, afirma que a “Quarta Humanidade terá sua base física na América Latina” (1955, p. 33), por isso o autor do documento mencionou a ideia dos “Estados Integralistas Sul Americanos”, comparando com o sonho unitivo de Simón Bolívar.

Ainda do ponto de vista ideológico, levando em conta a multiplicidade de vozes encontradas no ideário integralista, nenhuma referência direta ao *anti-semitismo*, presente predominantemente no pensamento de Gustavo Barroso, aparece no texto, a não ser subjacente ao termo “Capitalismo Internacional”, invariavelmente associado ao judaísmo nos textos doutrinários dos fascismos em geral (no nazismo e no pensamento de Gustavo Barroso são indissociáveis).

¹⁵No livro “A Quarta Humanidade”, lançado em 1934, Plínio explicita as sucessivas humanidades, sendo a quarta àquela onde “se realize o Homem Integral penetrado do sentido profundo do Cosmo, como a Primeira Humanidade; iluminado pelo Verbo Divino, como a Segunda; senhor dos elementos, como na Terceira” (SALGADO, 1955, p. 33).

Referenciando Maingueneau (1976), Orlandi afirma que o *discurso político*, nas tipologias discursivas, localiza-se entre os extremos dos discursos difusos (cuja relação com as condições de produção é intrínseca) e os discursos complexos (com pouca relação com as condições de produção). Portanto, no discurso político "há uma articulação harmônica entre discurso e condições de produção" (1987, p. 195).

No discurso aqui estudado, conseguimos visualizar que determinados traços possuem maior relação com o universo político, social e ideológico da conjuntura do entreguerras. Outros traços, entretanto, dizem respeito a questões mais imediatas, como a recente promulgação de uma lei (Lei de Segurança Nacional, 1935), ou seja, de questões que são nevrálgicas no momento em que se escreve o texto.

No que concerne às essas condições de produção mais imediatas do discurso, a terceira parte é significativa; tal trecho seria ininteligível sem o entendimento dos reflexos dos acontecimentos políticos mais "explosivos" do momento, os quais pulularam no discurso como que inevitavelmente.

Pouco menos de um mês antes do lançamento do periódico em Curitiba, o Congresso Nacional aprovava a lei nº38, de 4 de abril, conhecida como *Lei de Segurança Nacional*. Sua promulgação é popularmente atribuída a um reflexo do "avanço comunista" (a Aliança Nacional Libertadora fora fundada em março do mesmo ano). Contudo, alguns de seus dispositivos atacavam diretamente os integralistas e demais agremiações que possuíam aparatos paramilitares:

Art. 17. Só o poder publico tem a prerogativa de constituir milícias de qualquer natureza, não sendo permittidas organizações de typo militar, características por subordinação hierarchica, quadros ou formações (sic)¹⁶

¹⁶BRASIL. Lei Nº 38 de 04 de abril de 1935. Define crimes contra a ordem política e social. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Legislativo, Rio de Janeiro, DF, 6 de abril de 1935. Seção 1. p. 6857. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/internet/legislacao>>. Acesso em: 25 de julho de 2009.

Tendo isso em mente, a referência à lei se torna clara no trecho:

O Brasil temperou-se na dôr e nas revoltas intimas e creou uma consciencia propria.

E elle poz em marcha os seus filhos...

Não há leis, que possam paralizar a marcha consciente de uma Nação!

Abafaram porém, o rumor de seus tambores, de suas milicias e de seus clarins!

Mas que são esses rumores, já abafados, deante dos rumores revoltados da propria consciencia nacional, **que não se abafam nem com leis**, nem com decretos? (grifos meus)

Destarte, maio de 1935 representou um dos primeiros momentos de conflito entre a AIB e o governo de Getúlio Vargas, uma vez que a Lei de Segurança Nacional vetou a criação e circulação de milícias pelo país (na AIB, a partir de então, elas mudaram de nome e internamente continuaram existindo). Os integralistas criaram até uma cerimônia para relembrar a proibição da milícia: a *Noite dos Tambores Silenciosos*.

Embora no mesmo número do jornal os INTEGRALISTAS tenham assinalado o fato como positivo, no sentido de terem sido “lembrados” pelo governo na Lei, a AIB começava a medir forças com o complexo sistema de poder que girava em torno de Vargas. Aqui temos, sem dúvida, um enunciatório implícito, o próprio governo da República, que no Paraná se fazia representar por um dos interventores de maior confiança de Getúlio, Manoel Ribas (1932-1945).

Este exercício de análise poderia explorar outras questões, se não estivesse restrito ao universo circunscrito do discurso escolhido. Cremos que uma unidade mais coerente seria um número inteiro do jornal, uma vez que se trata de um periódico semanal; para o historiador, a totalidade do conjunto documental seria ainda mais relevante. Contudo, pensamos ter sido possível elencar alguns aspectos importantes do discurso político da AIB e demonstrar que a circulação das ideias doutrinárias no âmbito estadual também era vasta e as lutas políticas mais gerais tinham profundo reflexo nas práticas da militância local.

Referências

- BARROSO, Gustavo. *O Quarto Império*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1935.
- BERTONHA, J. F. *Fascismo, nazismo, integralismo*. São Paulo: Ática, 2000.
- CALIL, Gilberto Grassi. *Integralismo e hegemonia burguesa: a intervenção do PRP na política brasileira (1945-1965)*. Cascavel, EDUNIOESTE, 2010.
- CHASIN, José. *O Integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hipertardio*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 7.ed. São Paulo: Atica, 2003.
- GALEB, M.; FONSECA, R. M. *A greve Geral em Curitiba, resgate da memória operária*. Curitiba: IBERT, 1996.
- GRIFFIN, Roger. *The nature of Fascism*. Londres: Pinter Publishers, 1991
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes Editores, 1989.
- OLIVEIRA, R. S. *Imprensa Integralista, Imprensa Militante*. In: *Primeiro Simpósio de Pesquisas Históricas dos Grupos de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS*, 2005, Porto Alegre. I Simpósio de Pesquisas Históricas dos Grupos de Pesquisa, 2005.
- ORLANDI, Eni P. *A linguagem e seu Funcionamento: As Formas do Discurso*. Campinas: Pontes, 1987.
- PAXTON, Robert Owen. *A Anatomia do Fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- PAYNE, Stanley. *A History of Fascism 1914-1945*. Madison: University of Wisconsin Press, 1995.
- REMOND, René. *O século XX: de 1914 aos nossos dias*. São Paulo: Cultrix, 1999.
- SALGADO, Plínio. *A Quarta Humanidade*. In: *Obras Completas*, vol. V, Ed. Das Américas, 1955.
- _____. *Despertemos a nação!* Rio de Janeiro: J. Olympio, 1935.
- _____. *Manifesto de outubro de 1932*. São Paulo: Voz do oeste, 1982.
- SERTEK, Paulo. *Contribuições para a educação em discursos e narrativas de vida de Jorge Lacerda*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, UFPR, Curitiba, 2009.

SILVA, F. C. T. Os fascismos. In: Daniel Aarao Reis Filho. (Org.). *O Seculo XX*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, v. 2, p. 8-15.

STERNHELL, Zeev. *El nacimiento de la ideología fascista*, Madrid: Siglo XXI, 1994.

TRINDADE, Hégio. *Integralismo: o Fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, 1979 [1974].

_____. Integralismo: teoria e praxis política nos anos 30. In: FAUSTO, Bóris (Org.). (Org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

VASCONCELOS, Gilberto. *A Ideologia curupira: Análise do discurso Integralista*. São Paulo, Brasiliense, 1979.